
REFLEXÕES SOBRE A AUTOETNOGRAFIA

REFLECTIONS ON AUTOETHNOGRAPHY

Dada a escassez de publicações em português, a coletânea *Autoetnografia: uma metodologia qualitativa*, uma tradução para o espanhol de textos escritos nos Estados Unidos, veio suprir uma crescente demanda por parte de profissionais e estudantes pelo tema da autoetnografia. Herdeira de um debate mais antigo que ficou conhecido como antropologia pós-moderna (CLIFFORD; MARCUS, 1986; TRAJANO FILHO, 2002), desenvolvida principalmente naquele país, a autoetnografia tem a autorreflexão como elemento básico no estudo de grupos sociais em que o pesquisador faz parte de seu próprio objeto e universo de pesquisa. Sua atualidade e interesse resulta de uma transformação política e epistemológica, num contexto pós-colonial ou decolonial, quando indivíduos pertencentes a grupos sociais que antes se constituíam em “objetos” de estudo se transformaram em sujeitos e produtores de conhecimento, gerando um profundo questionamento das bases do discurso científico sobre neutralidade e distanciamento social entre pesquisador e universo de pesquisa. No Brasil, como em outros lugares, isto se deu com a entrada nas universidades de grupos subalternizados devido a seu pertencimento racial, étnico, ou de identidade de gênero e sexualidade. Mulheres e homens negros e negras, quilombolas, indígenas, LGBTQAI+, dentre outras identidades antes excluídas do mundo acadêmico, representam hoje uma parcela significativa de pesquisadores, e muitos deles são impelidos a construir um conhecimento de seus grupos sociais a partir de dentro. Este tipo de abordagem, como veremos, guarda em si uma série de questões, de possibilidades e de limitações, discutidas nos diversos textos desta coleção.

1 Suzana Maia é Professora Adjunta de Antropologia e Estudos de Gênero da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, UFRB. E-mail: maiasuz@gmail.com

2 Jeferson Batista é Bacharel pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, UFRB. E-mail: jefersonbatistaoficial@gmail.com

Trata-se, como a organizadora Silvia M. B. Calva ressalta, de uma coletânea de artigos hoje clássicos, publicados em diferentes períodos, por autores que se tornaram marcos no desenvolvimento da autoetnografia, dentre os quais a pioneira Carolyn Ellis. Dividido em seis seções, além de uma breve introdução da organizadora, o livro discute questões centrais do fazer autoetnográfico, ao tempo em que apresenta um quadro mais geral de sua constituição, assim como seus elementos básicos.

No primeiro capítulo da seção I, “Autoetnografia: un panorama”, Carolyn Ellis, Tony E. Adams e Arthur P. Bochner definem a autoetnografia como uma análise de experiências pessoais que objetivam o entendimento de uma determinada experiência cultural. Segundo os autores, a importância da reflexão de si é colocada num momento em que verdades científicas eram questionadas por omitirem as relações de poder e autoridade coloniais em que as pesquisas etnográficas eram realizadas. Ecoando os chamados “pós-modernos”, os autores argumentam que a etnografia refletia relações políticas mais amplas, relações estas que eram silenciadas por um gênero literário em que o etnógrafo aparecia como um narrador objetivo e distante daquilo que era narrado, o que lhe concederia uma “autoridade aural”. (CLIFFORD, 2002) Assim, a autorreflexão teria como objetivo investigar a presença do etnógrafo e sua posição política e ética em relação ao outro estudado, e ao mesmo tempo tornar evidentes as estratégias textuais tradicionalmente utilizadas. Aproximando-se da literatura, havia ali um reconhecimento da etnografia não apenas enquanto um método de estudo, mas também enquanto uma forma de representação, um gênero literário, com suas próprias estratégias e convenções.

Os autores definem a autoetnografia como uma combinação de elementos da etnografia e da autobiografia. Como na autobiografia, a epifania é muito frequentemente utilizada. Nela, o pesquisador/narrador relata, de maneira retrospectiva e seletiva, um evento emblemático, pois ilustrativo de um processo social transformador que marca sua experiência como indivíduo. A passagem do individual para o mais geral, a partir da epifania, se constitui numa importante estratégia literária que tem por objetivo aproximar o leitor dos acontecimentos, deixando que este participe de sua interpretação e facilitando um entendimento mais direto e pessoal sobre a cultura em questão. Uma vez que experiências pessoais são também compartilhadas com membros do mesmo grupo, a investigação deve iluminar como estes outros membros percebem e vivenciam os eventos narrados. Assim, o pesquisador deve utilizar, de forma complementar, uma variedade de métodos comuns à etnografia, tais como entrevistas, registros visuais, observações etnográficas de interações, comporta-

mentos, disposições espaciais, modos de falar e de vestir, dentre outros. Deve-se ressaltar que não existe apenas uma forma ou uso de autoetnografia, mas uma diversidade delas, desde relatos de grupos em conflito político, construídos de forma pessoal ou coletiva, análises de traumas pessoais, a reflexões sobre o método e processo de qualquer pesquisa etnográfica mais ampla. Enquanto parte das ciências sociais, os dados produzidos na autoetnografia, por sua vez, devem ser analisados de acordo com as ferramentas teóricas deste campo de estudos, e devem responder a questões colocadas em diálogo com outros pesquisadores, seguindo procedimentos comuns a estes.

A segunda seção do livro, “La introspección y la escritura como herramientas de investigación”, é constituída de dois artigos que questionam a centralidade da escrita como método de pesquisa e não apenas seu resultado. Em “La escritura. Un método de indagación”, Laurel Richardson e Elizabeth Adams Pierre discutem, alternadamente, os contextos e os gêneros de escritas desenvolvidos nas ciências sociais. Numa abordagem pós-estruturalista, Laurel Richardson argumenta que a linguagem é uma força constitutiva, e não apenas derivativa, de uma visão particular de realidade, e, por isto, a escrita é vista como manifestação de uma voz narrativa implicada em valores culturais. Para a autora, a associação entre linguagem, subjetividade, organização social e poder, evidenciada pelo pós-estruturalismo, faz com que o investigador questione verdades universais em prol de um conhecimento político e textualmente situado. Adotando o *Creative Analytical Process* (CAP) como método, Elizabeth Adams Pierre, por sua vez, sugere uma alternativa experimental que propõe diferentes escritas etnográficas para diferentes leitores, tais como: ficções, autobiografias ficcionalizadas, poesias, o uso de metáforas, dramas e narrativas em camadas, dentre outras. O caminho proposto perpassa diferentes formas de escrita, de maneira a construir um posicionamento diversificado que atenda diversas comunidades, através de uma literatura etnográfica crítica e menos hierárquica, renunciando à autoridade etnográfica em favor da diversidade de vozes e de formas de publicações. Ainda assim, a preocupação com a forma, segundo as autoras, não deve negligenciar o comprometimento com critérios de avaliação de seus propósitos, a saber: sua contribuição à análise, à reflexão proposta pelo campo de estudos e seu impacto no leitor.

Em “Enseñar la reflexividad en la investigación cualitativa”, Judith Preissle e Kathleen Demarrais argumentam que a reflexividade é um ponto central em qualquer processo de investigação, uma vez que, ao refletir sobre algo, o autor também reflete sobre si próprio e sua própria reflexão. Para as autoras, a reflexividade constitui-se numa prática pedagógica que incentiva os pesquisa-

dores/estudantes a buscarem um ponto de vista próprio, em que as várias etapas de uma pesquisa devem ser documentadas com o objetivo de explorar os múltiplos processos que envolvem desde a seleção do objeto, à coleta e análise de dados. A reflexividade, segundo elas, encoraja a exposição e exame de ambivalências, exclusões, parcialidade, agendas e pressupostos tácitos que, de outra forma, seriam omitidos. Uma série de questões são colocadas pelas autoras, para os pesquisadores, a fim de facilitar uma maior reflexão sobre os processos de investigação, tais como: quem você é, de onde vem, e quais as experiências que traz e que podem influenciar na sua inserção em campo e sua análise? Quais as alternativas teóricas que teria e por que escolheu determinada abordagem em vez de outra? O que faz de seu estudo diferente daqueles que podem ser compreendidos por outros pesquisadores?

Como ilustrações de autoetnografias, a terceira parte do livro apresenta dois exemplos de pesquisas autoetnográficas. Em “Ya es hora: narrativa y el yo dividido”, Arthur P. Bochner revela a tensão existente entre a experiência subjetiva, pessoal e os constrangimentos apresentados pelo mundo acadêmico. Bochner relata como recebeu a notícia da morte de seu pai durante um encontro acadêmico, e da depressão que se seguiu por não sentir que seu sofrimento seria acolhido institucionalmente. Apesar de entender antropologicamente a experiência do luto em outras sociedades, o autor coloca que nada se compara à experiência vivida e o tipo de entendimento que se depreende a partir daí. A construção de um sentido e significado para morte de seu pai, passou, como é comum a todos que vivenciam o sofrimento, pelo trabalho de *storytelling*. (JACKSON, 1995) A contação de história se tornou, para ele, não um método de análise no estudo da morte, mas uma estratégia pessoal para dar sentido à sua relação com seu pai: a voz do profissional acadêmico, a voz do menino que foi agredido por seu pai, a voz do homem distante de sua família, a voz daquele que acabou de perder seu pai. Em “Múltiples reflexiones sobre el abuso sexual infantil: Un argumento para una narración en capas”, Carol Rambo Ronai narra uma experiência pessoal enquanto vítima de abuso sexual infantil, utilizando-se da técnica de *fluxo da consciência* (SCHUTZ, 1979) como método de investigação e reflexão. Na construção de seu texto, ela adota uma “narração em camadas”, uma técnica de relato etnográfico ligada ao pós-modernismo que valoriza a sobreposição de diferentes vozes narrativas e analíticas sem, no entanto, buscar uma uniformidade estilística. Desta forma, a autora alterna descrições densas das situações

do abuso de que foi vítima, dados quantitativos referentes ao abuso infantil e teorias relacionadas ao tema.

A questão da ética, já tratada de maneira breve pelos outros autores, é discutida mais detidamente por Julian A. Tullis em “Yo y los otros. La ética en la investigación autoetnográfica”. Para o autor, se, à primeira vista, poderia parecer que a autoetnografia estaria imune a questões éticas sobre representações do outro, isto está longe de ser o caso. Embora haja no pesquisador um ponto a partir do qual a investigação emana, a pesquisa autoetnográfica implica num conjunto de relações sociais de pessoas próximas ao pesquisador, de forma que a pesquisa pode ter efeitos pessoais e políticos imediatos em sua vida e contexto social. Por isto, a questão ética aparece na autoetnografia de forma ainda mais densa e complexa, e representa uma dimensão fundamental da investigação, devendo ser cuidadosamente tratada tanto no campo, quanto na escrita do texto autoetnográfico. Neste sentido, o autor analisa alguns elementos fundamentais em qualquer pesquisa nas ciências sociais e discute sobre suas especificidades no caso da autoetnografia.

O consentimento informado, por exemplo, é ainda mais dificultado numa situação em que as relações de pesquisa e as relações cotidianas vivenciadas pelo pesquisador não estão separadas, o que eleva a complexidade das questões éticas de privacidade e confidencialidade. Na medida em que as pessoas referidas na pesquisa podem ser mais facilmente identificáveis, porque próximas ao universo do pesquisador, além da mudança de nomes, mudanças de características físicas e a própria ficcionalização se tornam dispositivos de proteção das identidades, tornando a verossimilhança e não a descrição factual, um recurso literário justificado. Ainda segundo o autor, o compartilhamento dos resultados da pesquisa, assim como de sua escrita, com as pessoas que fazem parte do universo pesquisado, também se constitui numa estratégia ética para garantir a integridade dos envolvidos.

A seção, intitulada “Para evaluar la calidad de la escritura autoetnográfica”, é composta por dois artigos, “Evaluando la etnografía”, de Laurel Richardson e “Creando Criterios: Una breve historia etnográfica”, de Carolyn Ellis. Em ambos, as autoras se debruçam sobre o processo de avaliação de narrativas autoetnográficas e refletem sobre uma crítica que é comum à antropologia chamada pós-moderna. Por ocupar um lugar ambivalente entre a ciência e a arte, a autoetnografia recebe críticas de ambas: enquanto a primeira a vê como excessivamente estética, emocional e insuficientemente rigorosa, as artes e a literatura questionam sua falta de qualidade estética em prol de um viés científico. Assim, a avaliação deve transitar entre estes dois referenciais, não se

deixando intimidar por nenhum deles: o mérito estético deve estar equilibrado com a contribuição substancial dada ao campo de estudos das ciências sociais e a capacidade analítica combinada a estratégias literárias, sem deixar que uma preocupação com o textual subsuma questões políticas e éticas mais amplas.

Os dois textos que formam a última seção da coletânea, “Herramientas básicas para una buena escritura”, se sobrepõem. “Introducción a la escritura creativa: mostrar vs. Decir”, de Michael R. Burns, e “Mostrar, no (solamente) decir”, de Dennis G. Jerz, ressaltam uma máxima presente tanto em obras literárias quanto etnográficas: para convencer os leitores é necessário que o texto demonstre e não somente diga sobre o que quer refletir, de maneira a fazer com que o leitor também reflita. Se a preocupação com os detalhes sempre foi característica da prática etnográfica, no caso das autoetnografias, essa ganha contornos próprios, por conta de uma abordagem ciente das estratégias literárias de produção e apresentação dos dados. Para ambos os autores, uma das melhores maneiras de se praticar a escrita é escrever criando imagens que mergulhem os leitores em um mundo de cenas, diálogos e evocações, de maneira que estes tenham liberdade interpretativa e uma experiência de subjetividade compartilhada entre autor, leitor, e universo de pesquisa.

No Brasil, apesar do interesse crescente, principalmente por parte daqueles pesquisadores que fazem parte de seu próprio universo de estudos, a autoetnografia ainda parece sofrer certa resistência, o que explica a escassez de publicações sobre o tema. A autoetnografia, assim como a antropologia pós-moderna ou reflexiva, que lhe é anterior, é muitas vezes percebida como um exercício narcisista, excessivamente atenta à forma e à construção textual, em detrimento de uma preocupação do autor enquanto sujeito político em sua relação com o universo estudado. (CALDEIRAS, 1988) Como esperamos ter apresentado a partir da resenha desta coletânea, este não precisa ser necessariamente o caso. O uso de si como objeto de análise, um cuidado com a autorreflexão e com as formas de representação textual, assim como a apropriação de estratégias literárias para tornar o conhecimento antropológico mais acessível, podem muito bem ser combinados ao comprometimento político. No entanto, é preciso estar atento para os possíveis riscos, apontados nos diversos textos, no que se refere a questões éticas na identificação/anonimato das pessoas diretamente envolvidas na pesquisa, assim como, considerar de forma cuidadosa o equilíbrio entre o pessoal e o contexto social mais amplo. Neste sentido, a coletânea poderia ser enriquecida se, como ilustrações de pesquisas autoetnográficas, oferecesse também exemplos de trabalhos realizados por pesquisadores que pertencessem a grupos interseccionalmente vulnerabilizados devido a seu per-

tencimento étnico-racial ou sua identidade de gênero e sexualidade, como é o caso de uma gama de pesquisadores que hoje adentram os espaços da academia.

REFERÊNCIAS

CALVA, S. M. B. (ed.). *Autoetnografia: uma metodologia qualitativa*. Aguascalientes: Universidad Autonoma de Aguascalientes, 2019.

CALDEIRA, T. P. R. A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia. *Revista Novos Estudos*, São Paulo, n. 21, p. 133-157, 1988.

CLIFFORD, J.; MARCUS, G. E. (org.). *Writing culture: the poetics and politics of ethnography*. Berkeley: University of California Press, 1986.

CLIFFORD, J. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

JACKSON, M. *At home in the world*. Durham: Duke University Press, 1995.

SCHUTZ, A. *Fenomenologia e relações sociais*. Textos escolhidos. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

TRAJANO FILHO, W. Que barulho é esse? O dos pós-modernos? *Anuário Antropológico*, Brasília, DF, v. 11, n. 1, p. 133-151, 1987.